

DEPARTAMENTO DE LETRAS
A QUESTÃO DO PODER EM *AUTO DA FEIRA*¹⁹

Livia Fernanda Monteiro Sousa (UERJ)

Analisando os tipos sociais representados pelos personagens da obra de Gil Vicente, podemos perceber a divisão de classes vigente no século XVI – nobreza, clero e povo – e como estas últimas lidam com a questão do bom caráter e da virtude em contraposição à busca exasperada por riqueza e poder, que na maioria das vezes leva as pessoas a utilizarem meios nada éticos a fim de alcançarem tal objetivo. Através das falas dessas personagens, é possível perceber que cada uma delas é o retrato de uma das múltiplas facetas das relações sociais hierárquicas existentes, não só na época de Vicente, como também em nossos dias. Com uma linguagem metafórica e altamente sutil, o famoso escritor português denuncia o caráter (ou, melhor dizendo, a falta deste) de tais camadas sociais, exortando os espectadores da peça analisada a se despirem suas capas de falsa moralidade, mostrarem-se como realmente são e trilharem o caminho reto. Pode-se notar, também, que a ligação entre dinheiro e poder também gera as suas contradições, como: mulheres bonitas alheias à realidade social; uma nobreza que tenta comprar a paz para ver-se livre das guerras que ela mesma provoca; e a Igreja ditando normas que ela mesma não pode cumprir. O objetivo principal do auto, além de mostrar os problemas sociais concernentes a Portugal e a qualquer reino contemporâneo, é suscitar aos espectadores uma reflexão acerca de seus atos iníquos, levando-os a se conscientizarem de que o caráter que possuem não é questão de destino, mas de livre arbítrio, sendo cada um responsável por seus atos.

Tem-se por objetivo neste trabalho investigar as críticas sociais feitas por Gil Vicente em “Auto da Feira”, através da análise dos tipos sociais representados pelos personagens da obra e da concepção de mundo carregada por estes.

Primeiramente, devemos observar que a obra em questão é um exemplo de como Gil Vicente critica as principais camadas sociais do século XVI, que eram a nobreza, o clero e o povo. Seus personagens não podem ser considerados como meros tipos psicológicos, mas sim como porta-vozes de uma crítica, na maioria das vezes satirizada, às injustiças

¹⁹ Uma versão deste trabalho foi apresentada na I Jornada Nacional de Estudos Filológicos e Linguísticos da Língua Portuguesa, no Dia Nacional da Língua Portuguesa de 2006.

FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

sociais e à hipocrisia por parte das camadas dominantes. De uma forma sutil, e com metáforas inteligentes, Vicente consegue sutilmente apontar mazelas sociais escondidas pela hipocrisia humana, não só no passado, mas, como veremos adiante, mas também no nosso cotidiano.

Podemos dizer, que a temática deste Auto, sem dúvida é a famosa “luta do bem contra o mal”, pois a Feira ordenada por Mercúrio não é um espaço comercial qualquer, mas um cenário crucial para que os personagens possam optar por comprar ora as virtudes “vendidas” pelo Serafim, ora as “torpezas” vendidas na Tenda do Diabo. Nota-se, então, que o livre arbítrio já é presente na obra em questão, fazendo esta última estar à frente de um tempo no qual às pessoas tinham seus destinos decididos por dogmas religiosos, estes que faziam do Rei Absolutista o Representante máximo de Deus na Terra a ser obedecido incondicionalmente, enquanto restava aos camponeses se conformar com a pobreza, já que estes eram destinados” a viver eternamente em tal condição.

Aquele velho conceito de que os ricos detêm o poder é bastante claro nos primeiros versos da obra, nos quais Mercúrio enumera suas “qualidades” comerciais e impõe uma Feira em Portugal. Tal elemento mitológico na obra também pode ser encarado como um sinal de uma burguesia ansiosa por ocupar seu espaço político-econômico, porém sufocada pela estrutura monárquica do século XVI. Parece que Gil Vicente não só mostra o conceito vigente acerca do dinheiro, como também prevê o que acontecerá em relação ao futuro desta sociedade:

Eu são Mercúrio, senhor
de muitas sabedorias,
e das moedas reitor, e
e deus das mercadorias:
nestas tenho meu vigor.
Todos tratos e contratos,
(...)
Ministro suas pertenças,
Até as compras dos sapatos.

(l.162 a 170)

Interessante é a forma com que o autor utiliza os personagens para expressar o pensamento dele. Em “Auto da Feira”, percebe-se, até na fala do Diabo, que seria supostamente um mau caráter, que há um questionamento acerca das atitudes das pessoas. “Toda a glória de viver/ das gentes é ter dinheiro/e quem muito quiser ter/ cumpre-se de ser primeiro o mais ruim que puder” – nota-se, neste argumento do Diabo, que este último não precisa forçar ninguém a ser desonesto, basta a pessoa ser obce-

DEPARTAMENTO DE LETRAS

cada pela riqueza para usar de artifícios mais sujos possíveis para conseguir o que quer. O livre arbítrio já é presente na obra em questão, o que faz esta última estar à frente de um tempo no qual às pessoas tinham seus destinos decididos por dogmas religiosos. Portanto, o trinômio poder-riqueza-injustiça, tanto presenciado em fatos recentes como o “mensalão”, já era algo bem comum para os contemporâneos de Gil Vicente, sendo tratado neste auto como fruto da escolha humana.

A ligação entre poder e dinheiro também gera as suas contradições. A personagem Roma, representação da nobreza no Auto, sofre com as guerras resultantes de sua ambição de dominar o mundo, mas, em contrapartida, tenta “remediar” esta crise política pelo caminho mais fácil, tentando convencer o Serafim a lhe “vender” a paz. Roma sofre com os efeitos das injustiças e das sujas “mercancias” que comprou ao Diabo para alcançar prosperidades, e também, das virtudes que “trocou por torpidades”. E, como se a sua situação de potência econômica fosse suficiente livrá-la dos mulçumanos que queriam invadir seu território, Roma vê o Serafim como paliativo, um refrigério para o tormento que tanto a assola.

Como se sabe, Gil Vicente, apesar de religioso, não deixou as atitudes erradas da Igreja passar em branco. Pelo contrário, em “Auto da Feira” tanto o Tempo como o Serafim, personagens que zelam por um valor ético e moral, quanto o Diabo, o espertalhão que abusa das fragilidades dos seus clientes, apontam os pecados ocultos dos religiosos. Para o personagem Tempo, “A Cristantade é gastada em serviço de opinião”, ou seja, a Igreja insiste em ditar normas e dogmas, baseados em “achismos”, que nem seus próprios membros são capazes de cumprir. Seguindo este pensamento, o Serafim exorta metaforicamente os “Papais adormidos” a mudarem suas condutas e atitudes e a retornarem ao caminho reto dos pastores da Igreja Primitiva. Por sua vez o Diabo dispara:

Se me vem comprar qualquer,
clérigo, ou leigo ou frade,
falsas manhas de viver,
muito por sua vontade
senhor, que lh’ei de fazer?

Pode-se ver que, apesar das formas diferentes de crítica à esta Instituição (enquanto o Tempo e o Serafim advertem os falsos religiosos, o Diabo os acusa ferozmente), ambos os personagens fazem uma denúncia clara de que a hipocrisia também existe na esfera religiosa.

Entretanto, não são apenas as altas camadas da sociedade como os nobres e padres que precisam de salvação. Em “Auto da Feira”, o povo

FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

também se interessa apenas por aquilo que satisfaz as suas necessidades imediatas, ao invés de se preocupar em ter uma vida reta diante de Deus. Nota-se isso perfeitamente no diálogo entre Marta, Branca e Serafim. Enquanto as duas primas só querem saber de comprar chapéus de palha e tecidos de lã na Tenda do Tempo, o Anjo, angustiado, tenta negociar suas virtudes e um pouco do amor de Deus, mas logo percebe que nunca vai conseguir vender o que elas querem. Isso porque a indiferença humana é nítida na fala de Branca, que diz que no mundo todos são negligentes, e que um pouco mais ou menos de virtude não vai influenciar em nada o ser humano, já que as almas doentes, mesmo se curando hoje, amanhã cometerão os mesmos erros.

O determinismo também é presente na fala da personagem acima (l. 759 a 768). Aquele velho ditado “pau que nasce torto morre torto” se adequa perfeitamente ao pensamento desta mulher, esta que alega que os desonestos nunca vão melhorar ou piorar suas atitudes, pois são tão maus, que nada no mundo pode mudar este quadro de iniquidades. Através desta fala, Gil Vicente alerta sobre o conformismo dos cidadãos, que egoístas e mergulhados nos seus afazeres, se esquecem de que ao seu redor a bomba da injustiça explode a toda hora, mas não se movem em nenhum momento para se revoltar contra esta situação.

Essa alienação social também é nítida quando as nove moças dos Montes rejeitam as virtudes oferecidas pelo Serafim simplesmente porque para elas, o importante é serem bonitas o suficiente para casarem. Para Dorotea, uma delas, basta ter dotes físicos para arranjar um bom partido, colocando o quesito caráter em segundo plano, como se pode ver no trecho:

Quem tiver muito de seu
e tão bons olhos como eu
sem isso (as virtudes)
casará bem.

Tal concepção das personagens exemplifica a ditadura da beleza que escraviza muitas mulheres atuais, estas que acreditam que um corpo bonito é suficiente para seduzir um homem.

Outro ponto interessante neste auto, é que o Tempo, por ser o “comerciante”, mostra que, apesar de as virtudes se perderem a cada dia, a justiça tarda, mas a verdade sempre aparece, e o verdadeiro amor, a razão e a paz desejada não se alcançam de qualquer forma, mas com o passar do tempo, este que é o melhor remédio:

DEPARTAMENTO DE LETRAS

Tempo: Todos os remédios, especialmente
contra fortunas e adversidades;
e aqui se vendem, na tenda presente,
conselhos maduros de sãs calidades.
Aqui se acharão
A mercadoria d'amor e rezão,
Justiça e verdade, a paz desejada

Em última instância, pode-se concluir que o grande anseio do autor da obra analisada não é fazer as pessoas se tornarem “beatas”, pois o erro é algo inerente ao ser humano. Porém, a idéia principal desta peça é levar o espectador a lembrar (ou relembrar) que todos são iguais, e que fatores como beleza, fama, esperteza ou dinheiro em nada aumentam a superioridade de um indivíduo. O poder, em “Auto da Feira”, é algo passageiro e contingente, pois o essencial mesmo para a raça humana é se conscientizar de suas fraquezas, tentar consertá-las, e assim provocar uma mudança efetiva no ambiente em que vivem. Afinal, todos, independentemente de serem reis ou plebeus, bonitos ou feios, fariseus ou publicanos, depois que morrerem, irão se juntar ao mesmo pó.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

VICENTE, Gil. *Obras Completas/ Gil Vicente*, com prefácio e notas de Marques Braga. 1ª ed. Lisboa: Sá da Costa, 1968. Coleção de clássicos Sá da Costa.